



GEOLOGIA DE UM LUGAR

Carla Rebelo

Galeria da Casa A. Molder, Lisboa,
até 18 de março

Uma histórica loja de comércio e colecionismo filatélico, a Casa A. Molder, na Baixa lisboeta, tem sido sede de um conjunto de exposições, organizadas pela artista Adriana Molder, que reanimam uma anterior vocação expositiva daquele carismático lugar. Depois de artistas como Maria Condado, Francisco Tropa ou João Belga, entre outros, Carla Rebelo (1973) apresenta uma instalação que ressuscita a memória de um tempo em que o espaço serviu também o propósito de uma galeria comercial onde se penduravam quadros nas paredes. A artista identificou 66 pregos que sustentavam esses quadros em cada parede e a partir deles criou duas rampas de fio branco que convergem para o arco central que divide a sala. O visitante vê assim os seus movimentos condicionados mas, neste caso, o que obstaculiza, também aclara. Não se tratará de evidenciar o espaço negativo mas de acentuar as relações de espaço/tempo constitutivas de uma memória. A referência à geologia, no título, é, evidentemente, metafórica, mas certa. O que ela assinala é uma relação com o tempo, com as suas camadas, uma dimensão imaterial que vem experimentar-se na fisicalidade do espaço. O modo como, nesta teia, cada prego e cada linha recuperam uma presença que esteve no lugar, e a forma como essa recuperação se transforma simultaneamente numa modelação da luz e numa interdição de circulação, é o paradoxo essencial da intervenção. Carla Rebelo usa o desenho para iluminar objetos e lugares. Ao emoldurar o espaço, revela a sua ossatura simétrica, mas ao torná-lo num reservatório de silêncio, num espaço de nicho que reorienta a luz, torna o movente plástico. Na verdade, Rebelo não expõe 'no' espaço, expõe 'o' espaço, no que ele foi sendo, e com isso oferece-lhe uma nova vida. / C.M.